



Emília Araújo & Eduardo Duque (eds.) (2012)
Os tempos sociais e o mundo contemporâneo. Um debate para as ciências sociais e humanas
Universidade do Minho: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade / Centro de Investigação em
Ciências Sociais
ISBN: 978-989-8600-07-3

Tempo da Juventude ou Juventude além do Tempo?

EDMARA DE CASTRO PINTO

Universidade do Minho

edmaracastro@hotmail.com

Resumo:

Neste texto de comunicação apresento algumas discussões a respeito da socialização de jovens dentro e fora do espaço escolar. Tais discussões respaldam-se em três anos de Investigação com jovens no Brasil. Buscou-se inicialmente compreender os modos de socialização de jovens estudantes de Teresina- PI. A criação de culturas juvenis no tempo escolar legitimam espaços de voz aos jovens e é mediante a vivência temporal de um “tempo juvenil”, um tempo de lazer, tempo também de direitos e deveres, que os jovens se socializam com o intuito de vencer as situações de vulnerabilidade e exclusão social que os afetam. O presente trabalho baseou-se em vários estudos, entre os quais os de Pais, Carrano, Sposito e Dayrell.

Palavras-chave:

Juventude, tempo, socialização, escola, culturas juvenis, identidade

O conceito do termo juventude e suas implicações

Falar de juventude é falar principalmente dos tempos sociais em que esta se situa. Falar em juventude é adentrar a um mundo de diversas e heterogêneas denominações.

Atendendo à pluralidade de assimilações da juventude e dado o difícil facto de realizar, com precisão, uma análise global da juventude, prioriza-se nesse trabalho discutir a abordagem conceptual da juventude, tendo como parâmetros os trabalhos mais referenciais nas ciências sociais.

Uma das primeiras tarefas a surgir no âmbito da sociologia da juventude foi a de defini-la atendendo à idade. A UNESCO define a juventude como o grupo de pessoas com idades entre 15 e 24 anos.

Ainda a UNESCO (2004), no livro Políticas públicas de/para/com as juventudes, define juventude como sendo o:

“período do ciclo da vida em que as pessoas passam da infância à condição de adultos e, durante o qual, se produzem importantes mudanças biológicas, psicológicas, sociais, e culturais, que variam segundo as sociedades, as culturas, as etnias, as classes sociais e gênero”(Ibid.:23).

Na sociedade contemporânea, temos observado mais trabalhos dando ênfase à juventude como uma construção social, à heterogeneidade dessa categoria e aos divergentes modos de ser jovem na sociedade contemporânea, tomando em consideração que as divisões entre as idades são arbitrárias e, por isso, socialmente manipuláveis (Bourdieu, 1983). Pais (2003) parte da hipótese de que , dada a condição de heterogeneidade dos jovens, não há uma forma única de transição para a vida adulta. Assim, este autor defende que:

(...) “haverá várias, como várias serão as formas de ser jovem (segundo a origem social, o gênero, o habitat, etc.) ou de ser adulto. Como é que os jovens encarariam, nessa transição, a sua condição, quais os seus valores, os seus planos de vida, as suas estratégias em relação ao futuro, os seus modelos de identificação social, enfim, os seus modos de vida?” (Ibid.:35).

Nesse sentido, falamos não mais em *juventude*, mas sim em *juventudes*, no plural, na defesa de que existe uma especificidade nas diversas formas de ser Jovem que, conseqüentemente, são constitutivas da cultura Juvenil. “Cultura” que corresponde a um conjunto de símbolos e significações construídos e partilhados pelos jovens. O sentido desta conceção está em compreender os seus códigos de pertença e de viabilizar, no seio do “tempo da juventude” como essas vivências e práticas culturais podem ser enriquecedoras, tal como constatam, aliás, alguns estudos (Becker, 1989; Calligaris, 2000; Pais, 2003; Dayrell, 2007, entre outros).

Sem antes saber como esses jovens encaram essa condição, os mesmos são enquadrados numa dimensão sociológica que implica determinadas formas de concebê-los. Um bom exemplo é a visibilidade da juventude como um período de vida marcado por problemas de diferentes ordens. Pais (2006) considera que, na verdade, a juventude aparece socialmente dividida em função dos seus interesses, das suas origens sociais, das suas perspetivas e aspirações (*Ibid* :33).

Mas generalizações arbitrárias são impostas sem considerar os diversos modos de agir, suas perceções, seus desejos e expectativas.

Com efeito, Bomfim (2006) sintetiza:

*“Pensando também do lado dos jovens, moças e rapazes têm perguntas sobre **si mesmos** (o que eu quero e posso fazer? Por que eu não posso fazer o que eu gosto?) Com quem posso fazer algo junto? O que queremos para nós mesmos e para onde vamos?); **sobre os adultos** (o que eles querem de nós? Por que nossos pais e muitos outros adultos, nossos professores, por exemplo, não nos compreendem? Por que interferem tanto nas nossas vidas?) e **sobre o mundo** (que mundo é esse? quais são as possibilidades que a sociedade atual está dando para nós jovens, a fim de melhorar a vida em nossas famílias, as nossas vidas? Por que minha mãe e meu pai discutem tanto e até brigam? Quais as*

oportunidades de trabalho, de emprego, de lazer a sociedade hoje vem criando para nós? Por que os adultos quando falam sobre nós, só pensam em termos de futuro (“vocês jovens são a esperança do amanhã!”) e não do hoje? Nós queremos viver o agora, o presente, o hoje! Uma verdade pode ser dita: elas e eles (jovens) estão buscando algo que lhes satisfaça. Com quem? Sozinhos?” (Ibid.:47)

Dessa forma, concordamos com Gonçalves (2009) quando a autora explicita que a “terminologia” juventude:

“serve como guarda-chuva para abrigar uma heterogeneidade de sujeitos sociais que, ao tempo em que se aproximam em razão da faixa etária, se diferenciam conforme as condições de vida, de trabalho, de lugar onde reside, dentre outros aspectos que o tornam diferentes” (Ibid.: 42).

Necessitamos perceber os jovens em seus diversos modos de viver, entender o significado que dão às suas ações cotidianas, assim como captar suas concepções de mundo e do contexto social em que estão inseridos. Carrano (2008) nos explica que necessitamos levar em conta as muitas e diferentes maneiras de ser jovem hoje, afirmando:

“em conjunto com a representação dominante, ou definição etária, sobre aquilo que é o tempo da juventude, os jovens vivem experiências concretas que se aproximam mais ou menos da “condição juvenil” representada como ideal ou dominante.” (Ibid.:5)

Esta concepção implica entender como o jovem está inserido no meio social, a partir do qual constrói determinados modos de ser jovem e de que forma exprime as suas especificidades. Mas isso sem nunca pressupor que haja um único modo de ser jovem nas camadas populares.

Dayrell (2003) ressalva:

“Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Significa não entender a juventude como uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado com o chegar da vida adulta”. (Ibid.:42).

De forma sintética, podemos concluir, tomando como suporte as ideias de Pais (2003), segundo o qual a sociologia da juventude, ela própria, tem vacilado entre duas tendências:

(...) “a juventude é tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada fase da vida, prevalecendo a busca dos aspetos mais uniformes e homogêneos que caracterizariam essa fase de vida – aspetos que fariam parte de uma cultura juvenil, específica, portanto, de uma geração definida em termos etários; b) Noutra tendência, contudo, a juventude é tomada como um conjunto social

necessariamente diversificado, perfilando-se diferentes culturas juvenis em função de diferentes pertenças de classe, diferentes situações económicas, diferentes parcelas de poder, diferentes interesses, diferentes oportunidades ocupacionais, etc. Isto é, nesta tendência, a juventude é tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por jovens em diferentes situações sociais". (Ibid.:23).

Ainda subscrevemos Castro & Abramovay (2003), que afirmam: "Definir juventude implica muito mais do que cortes cronológicos, vivências e oportunidades em uma série de relações sociais, como trabalho, educação, comunicações, participação, consumo, gênero, raça etc." (Ibid.:17).

De facto, conforme Pais (2003) relata vivemos os "paradoxos da juventude". Esses paradoxos, segundo o autor, vão desde representações mais vulgares da juventude até à juventude como construção sociológica, ou seja, passam do campo semântico da juventude que a toma como *unidade* para o campo semântico que a toma como *diversidade*.

A possibilidade de definir uma linha contínua vai se tornando incerta à medida que emergem novas formas de entender a Juventude, sobretudo se atendermos à existência de uma interação dialética estabelecida entre a juventude e a sociedade, na qual integra o conjunto das relações sociais. Pais (1993) propõe, aliás, ser possível falar no conceito de *juvenilização* no que respeita à influência exercida pelos jovens na sociedade, embora também se possa falar numa "*socialização da juvenilização*" (Ibid.:60).

Grosso (2010) parte do pressuposto que há uma relação entre a sociedade *versus* grupos juvenis e que essa relação de oposição configurou a condição juvenil. De acordo com o autor:

"(...) a condição juvenil é dialética porque está assentada sobre uma relação de contradição entre sociedade e juventudes. Esta contradição se expressa historicamente em ações de institucionalização da juventude seguidas ou precedidas de ações ou resistências dos indivíduos e grupos que são considerados ou se assumem como jovens «dialética» da condição juvenil demonstra trajetórias de indivíduos e grupos juvenis oscilando no duplo movimento que envolve integração versus inadaptação, socialização versus criação de formas de ser e viver diferentes, papéis sociais versus identidades juvenis, institucionalização versus informalização, homogeneização versus heterogeneidade e heterogeneização, cultura versus sub-culturas etc. (Ibid.:19)

Tal como afirma Foucault (1999), ao vivermos em sociedade, estamos "sujeitos" a qualquer tipo de ação dos outros:

"Afinal de contas, somos julgados, condenados, classificados, obrigados a tarefas, destinados a uma certa maneira de viver ou a uma certa maneira de morrer, em função de discursos verdadeiros, que trazem consigo efeitos específicos de poder" (Ibid.:29).

Tal mecanismo faz com que alguns (dominantes) exerçam poder sobre outros (dominados) mantendo um certo controle, o que significa podermos falar também na existência de processos de exclusão social.

De qualquer forma, Stoer & Magalhães (2005) defendem que não se pode falar de exclusão social sem falar, ao mesmo tempo, de inclusão social. Estes autores selecionam cinco lugares de impacto da exclusão social - o corpo, o trabalho, a cidadania, a identidade e o território. O processo de mapeamento destes cinco lugares realiza-se, conforme os autores:

“(...) através da consolidação da exclusão/inclusão social face a cada lugar com base em três paradigmas socioculturais: »pré-modernidade« (as chamadas sociedades tradicionais); »modernidade« (as sociedades modernas); e »pós-modernidade« (o paradigma emergente da pós-modernidade/pós-fordismo). Em cada caso, o que está em causa é a relação entre estrutura e agência e o modo como as tensões presentes nessa relação são traduzidas nos cinco lugares. Pensamos que mapear a exclusão/inclusão social desta maneira é também reflectir sobre a natureza da mudança social e sobre o modo como os actores sociais se posicionam face a ela”. (Ibid.: 67)

Os autores afirmam que lutar pela inclusão social é lutar pela afirmação da diferença própria. Na perspectiva dos jovens, sugerimos perguntar porque são considerados diferentes? Somos nós ou eles diferentes? Por que razões são excluídos? Nesse sentido, levantamos como hipótese a ideia de que se as “culturas juvenis” fossem reconhecidas tal como seus modos de ser/vestir/agir, talvez estes sujeitos pudessem não se enquadrar no processo de exclusão do qual refere Xiberras (1993:18) em que : “em nome de valores, de representações do mundo, quer se excluam a si próprias de um mundo em que não têm lugar, quer sejam excluídas pelos outros devido ao facto de as suas ideias serem inadmissíveis”.

Em contrapartida, como afirma Pais (1996), nota-se nas sociedades modernas, a chamada “desinstitucionalização da vida social”, (*Ibid.*: 95) isto é, uma relativa perda de capacidade das instituições para modelar os comportamentos quotidianos. Tal explica-se “não porque as instituições estejam em declínio ou em vias de extinção, mas pelo facto de serem vias de mudança social” (*Ibid.* : 405).

Assim, de que forma os jovens podem superar essa visão negativa e serem tidos como uma força motriz de mudança social?

Com efeito, essas transformações podem ser estabelecidas considerando as condições juvenis, isto é, percebendo o jovem como modelo cultural (Peralva, 1997) tendo em conta as suas culturas juvenis (Pais, 2003). Tal como propõe o sociólogo francês Dubet (1994), considerando os processos de socialização juvenil como elemento central da experiência social¹ (*ibid.* :15).

Experiência que:

“designa as condutas individuais e coletivas dominadas pela heterogeneidade dos seus princípios constitutivos, e pela atividade dos indivíduos que devem construir o sentido das suas práticas no próprio seio desta heterogeneidade” (ibidem).

¹ Para Dubet (1994) “a experiência social é a actividade pela qual cada um de nós constrói uma acção cujo sentido e coerência não são mais dados por um sistema homogéneo e por valores únicos” (*ibid.* :58).

Experiencia que :

“constrói os fenómenos a partir das categorias do entendimento e da razão”.

Para o sociólogo, (1994) estas categorias são, em primeiro lugar, sociais, são «formas» de construção da realidade. Subentende-se que a experiência social não é uma «esponja», uma maneira de incorporar o mundo por meio das emoções e das sensações, mas uma maneira de construir o mundo. É uma actividade que estrutura o carácter fluido de «vida» (*Ibid.*: 95).

Carrano (2008) explica-nos que necessitamos levar em conta as muitas e diferentes maneiras de ser jovem hoje. Assim:

“em conjunto com a representação dominante, ou definição etária, sobre aquilo que é o tempo da juventude, os jovens vivem experiências concretas que se aproximam mais ou menos da “condição juvenil” representada como ideal ou dominante” (Ibid.:5).

Reguillo (2000) aponta três elementos conferem representação ao mundo juvenil e explicam a emergência do jovem como sujeito social:

- As inovações tecnológicas e suas repercussões na organização produtiva e simbólica da sociedade - aumentam as expectativas e a qualidade de vida - as pessoas passam mais tempo na escola.
- A oferta de consumo cultural a partir da emergência de uma nova e poderosa indústria cultural.
- O discurso jurídico que estabelece o contrato social que prevê formas de proteção e punição aos infratores - as políticas públicas tutelares orientadas para o controle do tempo livre juvenil - a ausência de políticas que apostem na autonomia, na organização e naquilo que os jovens podem fazer sozinhos e com a colaboração dos adultos. Políticas do controle e da percepção do jovem como um carente, um vulnerável ou perigo iminente (*Ibid.*:50).

É necessário desmistificar o conceito de jovem como um “problema social”, desafiando-se a entendê-lo como sujeito de direitos. Conforme refere Charlot (2005), deve-se “levar em consideração o sujeito na sua singularidade de sua história e atividades que ele realiza” (*Ibid.* : 40).

Também Dayrell (2002) sustenta que, devido ao viés do mundo da cultura, se cria um espaço de oportunidades de socialização para o jovem. O autor baseia-se na hipótese de que:

“A centralidade do consumo e a da produção cultural para os jovens são sinais de novos espaços, de novos tempos e de novas formas de sua produção/formação como atores sociais. Ou seja, apontam para novas formas de socialização, nas quais os grupos culturais e a sociabilidade que produzem vêm ocupando um lugar central”. (Ibid.:119)

No presente trabalho priorizamos esse mundo da cultura dos jovens e vislumbramos entender uma nova forma de conceber a juventude: composta de sujeitos sociais, de se fazer presente sua “voz e vez” na sociedade atual.

2. Metodologia

O presente estudo segue uma metodologia qualitativa e interdisciplinar. A pesquisa qualitativa, conforme Melucci (2005), trabalha associando dados quantitativos (objetivos) e qualitativos (subjetivos). Assim, considera-se que, mesmo nas informações estatísticas e nas falas dos sujeitos de um universo estudado, há significados não somente construídos pelo pesquisador (que este significa ou ressignifica), há também significados atribuídos e construídos pelos próprios atores sociais de um contexto investigado, actores que procuram dar sentido à sua realidade. No fundo, assume-se que os sujeitos pesquisados (os jovens das escolas pesquisadas) interagem com a pesquisadora, sendo co-produtores da observação e da escuta levadas a cabo por aquela.

Selecionamos uma amostra não probabilística de jovens, seguindo critérios de amostragem teórica. Como técnica principal desse estudo, utilizamos a entrevista semi-estruturada através da qual se pretendeu apreender as opiniões e reflexões dos jovens e, dessa forma, privilegiar a riqueza de detalhes.

Em relação à entrevista, utilizamos um aparelho de gravador de voz e selecionamos 6 (seis) jovens estudantes, sendo 1 (um) de cada escola. No início da entrevista os participantes foram informados sobre o objetivo da pesquisa, os procedimentos adotados para a coleta de informações. A participação foi voluntária e só se iniciou após assinatura do mesmo pelos entrevistados e pela pesquisadora, atendendo, assim às exigências éticas e científicas dessa resolução que trata sobre pesquisa em seres humanos. Como suporte à entrevista, utilizamos também a técnica da Observação não-participante.

Na análise dos dados, percebemos inquietações, angústias, desejos e expectativas desses sujeitos e optamos por classificá-las em categorias. Organizamos e sistematizamos as ideias recolhidas através das entrevistas e da observação. Inspiramo-nos na concepção de Bardin (1979) sobre a análise de categorias. O autor diz que:

“Pretende tomar em consideração a totalidade de um texto, passando pelo crivo da classificação e do recenseamento, segundo a frequência de presença (ou de ausência) de itens de sentido [...]. É o método das categorias, espécie de gavetas ou rubricas significativas que permitem a classificação dos elementos de significação construtivas, da mensagem. É, portanto, um método taxionômico bem concebido para satisfazer os colecionadores preocupados em introduzir uma ordem, segundo certos critérios, na desordem”. (Ibid.: 36-37).

3. Os/as sujeitos/as deste estudo

Como dito anteriormente, nessa pesquisa foram entrevistados 6 (seis) jovens estudantes de três escolas de Teresina, capital do estado do Piauí-Brasil, sendo 2 (dois) jovens da escola de ensino profissionalizante PREMEN - Norte e 2 (dois) jovens da escola de nível médio pública “Zacarias de Góes”- Liceu Piauiense e 2 (dois) Jovens da Escola Privada Instituto “Dom Barreto”.

A escolha das três escolas diferentes foi estratégica, pois conforme afirma Bomfim (2006):

“sendo as juventudes multifacetadas, significa que não se deve trabalhar somente com um olhar, mas com uma perspectiva interdisciplinar, recorrendo a várias perspectivas de interpretação, desde que admitam a diversidade cultural que se revela nesse campo real”. (Ibid.:48).

A maioria dos jovens pesquisados concluíram o ensino fundamental numa escola pública. Situam-se na faixa etária entre 14 e 22 anos, residindo em diversos bairros de Teresina-Piauí. Dos jovens pesquisados, 3 são do sexo feminino e 3 do sexo masculino. A maioria também pertence à camada menos privilegiada da sociedade, integra famílias com renda que varia de um a dois salários mínimos.

Ouvindo os jovens, compreendemos o que significa ser jovem na sociedade atual, como sujeitos históricos em sua plenitude, as crises e os conflitos que enfrentam, como se dá o seu processo de socialização e de que forma se configuram suas culturas juvenis. Ressaltamos que dois dos seis jovens entrevistados participavam de “Movimentos Alternativos²”, um pertencente ao grupo de “Skate” e o segundo ao “Movimento de Meninos e Meninas de Rua”.

4.Tempo da Juventude: sociabilidades e cultura juvenil

Neste trabalho investigo como os jovens constituem suas sociabilidades e, ao mesmo tempo, constroem uma cultura juvenil. Tal como afirmado anteriormente, o cerne da questão foi vislumbrar o significado e a compreensão dessa cultura juvenil diversa. Diversidade de modos de vida. Diversidade de jovens. Entender toda a simbologia cultural dos Jovens é entender as suas formas de ver o mundo, de estar no mundo, incluindo saber que sentidos conferem às suas ações e às suas actividades quotidianas. Concordando com Pais (2003) podemos afirmar que “o importante é, justamente apanhar as diversidades dos modos de vida dos jovens, embora sem menosprezar a sua representatividade” (Ibid.:60).

Sem perder de vista essa concepção, a cultura juvenil tem vindo a ser debatida com o propósito de revelar experiências positivas, principalmente propostas pelo sistema educativo que tende a focar-se sobre respostas uniformes e estandardizadas. Sposito (2003) diz que :

² “Movimentos Alternativos” são organizações, no caso, de jovens de classe média, das periferias urbanas ou do meio rural que realizam práticas (ações coletivas) de sociabilidades próprias, a fim de construir alternativas para suas vidas em várias dimensões: lazer, política, qualificação profissional, música, esporte, dança, dentre outras. Não obstante, outros grupos oriundos de periferias urbanas, por viverem em extrema situação de pobreza, por falta de acesso aos bens materiais e imateriais produzidos pela sociedade e de ausência de acolhida humana (afeto, solidariedade, apoio moral), impulsionados pela exacerbação de idéias consumistas difundidas sobretudo pelos meios de comunicação de massa, praticam ações coletivas que deterioram a dignidade humana (furtos, roubos, assaltos e homicídios), justificadas pela lógica de, de um lado, por necessidade de sobrevivência, e de outro, de denúncia das desigualdades sociais. Há também os grupos de origem ideológica de ultra direita que, por preconceito, violentam as pessoas que consideram estarem fora das normas de suas perspectivas ideológicas.

“A autonomização de uma sub-cultura adolescente engendra para os alunos da massificação do ensino, uma reticência ou uma oposição à ação do universo normativo escolar, ele mesmo em crise” (*Ibid.:20*).

Reiteremos que é através do espaço-escola que se dá inicialmente o surgimento dos universos simbólicos dos jovens, conforme a fala de um jovem entrevistado nos diz:

“Foi quando eu vim para cá, nessa escola, que eu comecei a fazer amizade, daí juntei meu grupo e um deles me disse qua dança hip-hop. Eu falei com ele, fui até na casa dele, comecei a aprender, gostei muito e agora tou dançando também. Usando calção largo, muito massa. A gente se reuniu né, pra pedir pra diretora, pra ver se arruma um professor de dança pra cá, pra gente ficar craque. (Jovem 01, Masculino).

A maioria dos jovens entrevistados está inserida em práticas culturais dentro e fora da escola. Além dessas práticas serem constitutivas do seu universo identitário enquanto “tempo juvenil”, contribuem para a produção de experiências positivas, como percebemos no discurso da jovem entrevistada:

“ Tanto na escola como no meu bairro, eu só estou metida com dança, eu sou apaixonada por capoeira, agora eu quero muito ajudar os jovens que vivem nas drogas, na violência, a se interessarem nas coisas boas, porque num tem como comparar minha vida tá “de boa” demais, muitos amigos, todos gostam de mim, me chamaram até para ser monitora, estou ajudando vários jovens (Jovem 02, Feminino).

É importante referir que numa pesquisa com os Jovens no Brasil, Dayrell (2003) argumentou que o facto de o jovem viver mais no presente, esse presente se torna num “tempo juvenil”, de possibilidade de construção das identidades:

“O tempo da juventude, para eles, localiza-se no aqui e agora, imersos que estão no presente. E um presente vivido no que ele pode oferecer de diversão, de prazer, de encontros e de trocas afetivas, mas também de angústias e incertezas diante da luta da sobrevivência, que se resolve a cada dia (...) No entanto, esses sonhos e desejos não se concretizam necessariamente em projetos de vida, e quando o fazem, se mostram fluidos ou de curto alcance. Assim, eles se centram no presente e nele vão se construindo como jovens, não acreditando nas promessas de um futuro redentor”. (Ibid.:49)

A pertença a esse tempo Juvenil, considerado um tempo hábil de realização de sonhos e vontades, como também de certas práticas culturais incluídas na socialização, é uma das referencias centrais do discurso dos jovens entrevistados:

“ Eu tenho é que aproveitar mesmo, eu sou jovem, né? Depois que eu envelhecer eu não posso fazer certas coisas. O tempo passa, a gente envelhece. Tenho é que curtir, digo pros meus pais, no tempo de vocês, vocês não saiam, não curtiam, nem se divertiam? (Jovem 04, Feminino).

“ Com certeza que quando eu ficar mais velha eu nem vou me interessar por essas brincadeiras todas e quando eu for trabalhar não vou ter tempo pro skate, são coisas que eu sei que eu posso continuar me interessando, mas agora é muito mais. E até meus amigos, bem, eu espero que essas amizades, tipo assim, que eu fiz aqui, vão valer pra vida inteira” (Jovem 06, Masculino).

Para percebermos melhor a dinâmica deste “tempo da Juventude” é importante recorrer ao universo escolar e às atividades e as socializações desenvolvidas pelos jovens neste espaço, pois tal como afirma Abrantes (2003:94): “as identidades são construídas em interação contínua com as condições e experiências proporcionadas pelo meio envolvente, as identidades juvenis são, em parte, produzidas na (e pela) escola”.

Nesse sentido, uma ideia forte a recuperar é a de que é no âmbito escolar que esses jovens (res)significam suas vidas, pois possivelmente eles têm a oportunidade de se tornarem sujeitos sociais, constituírem suas identidades e, dessa forma, melhorar qualitativamente como pessoa e como educando, tal como afirma esse mesmo autor:

“Nas margens da escola, procurando manter o seu universo autônomo mas ir transitando de ano, os jovens adoptam disposições e estratégias flexíveis e instrumentais, de negociação e aceitação parcial de certas instituições da cultura escolar, de fuga ou resistência a outras. Subsistem, até certo ponto, duas hierarquias opostas – a juvenil e a escolar – em que os capitais numa se convertem em handicaps na outra. Todavia, uma condição cada vez mais valorizada, apanágio dos alunos mais integrados e bem sucedidos no espaço escolar, parece ser a de ter recursos em ambos os universos, accionando-os à vez, transfigurando-se consoante a situação em que se encontram”. (Ibid.: 99)

Ressaltamos que Pais (1998) chama a atenção para a questão dos valores juvenis.

(...) “as distintas gerações corresponde uma pluralização de modos de vida, de padrões culturais, de modelos familiares, de processos de socialização. (...) Ao falarmos de valores de indivíduos situados em determinadas faixas etárias a que, correntemente, se faz associar a idade juvenil, devemos ter presente que os jovens não pertencem eternamente a essa faixa etária que os identifica como jovens. Assim sendo, os valores «juvenis» que esses jovens abraçam quando estão em «trânsito etário» podem fugir-lhes quando chegam a idade adulta. Se alguns desses valores são transportados ao longo do curso de vida, então podemos dizer que esses valores (outrora) juvenis tendem a enraizar-se no tecido social”. (Ibid.: 29)

Incluídas nos “valores juvenis” estão as práticas culturais, práticas através das quais e nas quais os jovens também encontram formas de elevação da sua auto-estima. Segundo Castro (2001):

“Assim como o protagonismo juvenil, a auto-estima é enfatizada como um processo básico para desarmar violências, contribuindo para dar sentidos positivos e projetos de vida aos jovens, o que se cultiva através de atividades artísticas, esportivas e de educação para a cidadania. Também comporta distintas referências, sendo que muitas por construções analógicas ao de protagonismo juvenil, como a interação entre a auto-apreciação e a gratificação pelo reconhecimento social”. (Ibid.: 486).

Abrantes (2011), propondo uma compreensão mais integral e profunda das identidades e das culturas juvenis, sinaliza o protagonismo presente dos jovens, sobretudo:

“na esfera do lazer e dos estilos de vida, conduz ao desenvolvimento de identidades, disposições e estratégias complexas e legítimas, nos interstícios da autoridade adulta, que são transportadas para o espaço escolar e que, entrando em frequente tensão, não deixam de o transformar” (Ibid.:101).

Não apenas a escola socializa os jovens. Estes socializam-se entre si e socializam a própria escola. Pais (2003) considera que a escola não tem em atenção as culturas juvenis, tampouco promove a participação activa dos alunos nesse ambiente. Como o autor afirma (*Id.Ibid.*):

“a retórica dominante dos sistemas educacionais impõe aos jovens modelos abstractos de obediência, perseverança, ambição, responsabilidade, confiança, isto é, virtudes que caracterizam um jovem de sucesso” (Ibid.:16).

É nesse sentido que Pais parece entender o motivo do desinteresse dos jovens pela escola, considerado ainda predominar na escola uma:

“cultura prescritiva: de planos e matérias de estudo, de normas disciplinares, de provas globais (standardizadas) de práticas pedagógicas que se inscrevem numa filosofia de “produção em série”- o que se justifica pela massificação de ensino, sujeito, cada vez mais, a economias de escola” (Ibid.:414).

Mas os jovens entrevistados deixam transparecer as suas percepções no que se refere às suas vivências na sua temporalidade juvenil e também mostram como a sua socialização tem contribuído para a elevação da auto-estima e construção de valores, tais como o a amizade, da ajuda mútua e da solidariedade nos momentos de alegria e tristeza. Percebe-se no decorrer desta pesquisa que os jovens se sentem valorizados dentro dos grupos ligados à escola, conseguem ser criativos e exercitar suas potencialidades e cidadania. Um dos jovens entrevistados relatou-nos que, através da prática do *Skate*, foi estimulado a continuar os estudos e a abandonar a gangue³ em que participava.

Conclusão

Neste trabalho que sintetizamos nesta comunicação de forma muito breve percebemos que os jovens se constroem como sujeitos sociais estabelecendo relações com o meio social e por participarem em práticas culturais através das quais aprendem significados sociais de que se apropriam para a construção das suas identidades. É através das

³ Gangues/galeras são grupos de jovens, mais ou menos estruturados, que se agregam para criarem sociabilidades próprias, através de lúdicas até atos de delinquência. Seus membros mantêm relações de solidariedade tendo como base uma identidade mesmo que incipiente, mas compartilhada. “Pertencer a uma gangue/galera, fazer o jogo de rivalidades são vetores de identidade grupal que podem levar tanto a novas formas de criatividade – a exemplo dos rappers – como práticas de delinquência”. (Abramovay *et al*, 2002: 95).

experiências vivenciadas que buscam novas práticas e valores que preencham suas necessidades e aspirações, dando um novo sentido as suas vidas.

Referências

- Abramovay, Miriam & CASTRO, Mary G. (2002). *Caleidoscópio das Violências nas Escolas*. Brasília-DF: Missão Criança.
- Abrantes, Pedro. (2003). *Os sentidos da escola: identidades juvenis e dinâmicas de escolaridade*. Oeiras: Celta.
- Abrantes, Pedro (2011). Para uma teoria da socialização. *Sociologia*, 21, 121-140. Porto: FLUP.
- Bardin, Laurence (1979). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Becker, D. (1989). *O que é a adolescência*. São Paulo: Brasiliense.
- Bogdan, Robert & Biklen, Sari. (1994). *Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bomfim, Maria do Carmo Alves do (2006). *Juventudes, Cultura de paz e violências nas Escolas*. Fortaleza: Editora da UFC.
- Bourdieu, Pierre (1983). *Questões de sociologia.- A juventude é apenas uma palavra*, 112-121. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- Calligaris, C. (2000). *A adolescência*. Coleção Folha Explica. São Paulo: PUBLIFOLHA.
- CARRANO, Paulo (2008). Jovens pobres: modos de vida percursos urbanos e transições para a vida adulta. *Revista Ciências Humanas e Sociais*, 30, nº2, Editora Universidade Rural. RJ.
- Castro, Mary Garcia & Abramovay, Miriam (2003). *Por um novo Paradigma do Fazer Políticas: Políticas de/para/com juventudes*, 2ª versão. Brasília:UNESCO.
- Charlot, Bernard (2005). *Relação com o saber, formação de professores e globalização: questões para a educação hoje*. Porto Alegre: Artmed.
- Dayrell, Juarez (2002). O rap e o funk na socialização da juventude. *Educação e Pesquisa*, 28, nº1, 117-136, jan./jun. São Paulo.
- Dayrell, Juarez (2003). O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, 40-52, Set -Dez.
- Dubet, François (1994). *Sociologia da experiência*. Lisboa : Instituto Piaget, D.L.
- Foucault, Michel (1999). *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Gonçalves, Marli C. (2009). *Juventudes do Campo e Práticas Educativas: o caso do Assentamento Marrecas em São João do Piauí*. Dissertação de mestrado em educação, UFPI.
- Grosso, Luís Antônio (2010). A Condição juvenil e modelos contemporâneos de análise sociológica das juventudes. *Ultima Década (Impresa)*, 33, 9-26.

- Ludke, Menga & André, Marli.E. D. A. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.
- Margulis, M. (2001). Juventud: una Aproximación Conceptual. In Donas, S. (org.). *Adolescencia y Juventud en América Latina*, 41-56. Cartago: Livro Universitário Regional.
- Minayo, Maria Cecília de Souza et al. (1999). (Org.) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Vozes.
- Melucci, Alberto. (2005). *Por uma sociologia reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura*. Tradução Maria do Carmo Alves do Bomfim. Petrópolis: Vozes.
- Pais, José Machado (2003) *Culturas Juvenis*. 2ª Edição. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Pais, José Machado (1998). Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea (Introdução. In José Machado Pais (Eds.) *Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea*, 17-58. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais/Secretaria de Estado da Juventude.
- Pais, José Machado (2006). Buscas de si: expressividades e identidades Juvenis. In Almeida, Maria Isabel Mendes de & Eugénio, Fernanda (orgs.) *Culturas Jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Peralva, Angelina (1997). O jovem como modelo cultural. *ANPED: Ação Educativa. Revista Brasileira de Educação*, 5 e 6. São Paulo.
- Quivy, Raymond & Campenhoudt, Luc (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Reguillo, R. (2000). *Emergencia de culturas juveniles. Estrategias del desencanto*. Bogotá: Grupo Editorial Norma.
- Sposito, Marília et al. (2003). Juventude e Políticas Públicas no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, 24, 16 – 39.
- Stoer, S. R & Magalhães, A. M. (2005). *A diferença somos nós. A gestão da mudança social e as políticas educativas e sociais*. Porto: Edições Afrontamento.
- UNESCO/Brasil (2004). *Políticas Públicas de/para/com Juventudes*. Brasília – DF: CNPq/IBICT/UNESCO.
- Xiberras, Martine (1993). *As teorias da Exclusão. Para uma construção do imaginário do desvio*, Lisboa: Instituto Piaget.